



## **Jornalismo e conhecimento sob a perspectiva da participação de leitores *online*<sup>1</sup>**

Vanessa Hauser<sup>2</sup>

Prof.º Dr. Francisco José Castilhos Karam<sup>3</sup>

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil

### **Resumo**

Buscando refletir sobre as aproximações entre jornalismo e conhecimento para observar como essa perspectiva teórica se adapta às mudanças trazidas pela internet ao jornalismo, a pesquisa parte da análise das intervenções dos leitores (comentários) nas notícias do portal *estadão.com.br* (Brasil). A reflexão discute os conceitos de senso comum e senso crítico e tem como referência o pensamento dialético no que diz respeito ao problema do conhecimento. A pesquisa explora duas dimensões do jornalismo: como produção de conhecimento e manifestação de uma prática comunicacional e informativa na *web*.

**Palavras-chave:** jornalismo *online*; conhecimento; leitores;

### **Introdução**

Partindo de um contexto específico, ou seja, o desenvolvimento de uma “nova sociedade agrária” que se formava por volta da década de 70, Paulo Freire traz uma contribuição epistemológica importante em seu livro “Extensão ou Comunicação?”, lançado em 1969<sup>4</sup>, tratando o conhecimento sob uma perspectiva dialética e reconhecendo o papel da comunicação no processo de conhecer: “Essa co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas mediatizador da comunicação” (FREIRE, 1985, p. 66).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - ([hauservanessa@gmail.com](mailto:hauservanessa@gmail.com)).

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, orientador – ([fjkaram@terra.com.br](mailto:fjkaram@terra.com.br)).

<sup>4</sup> Em 1969, quando lançou o livro “Extensão ou Comunicação?”, Paulo Freire o fez partindo, supomos, do problema comunicativo existente naquela época entre o técnico e o camponês. O primeiro, chamado “extensionista”, levava para os homens do campo os ensinamentos sobre novas técnicas agrícolas, mas tinha dificuldade em “ensiná-los”. Foram justamente os motivos desta dificuldade que Paulo Freire abordou neste livro, contrapondo os conceitos de extensão e comunicação e observando que “conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo” (p. 16).



Muitas idéias de Paulo Freire seriam importantes aqui, pois é extremamente significativa a sua contribuição teórica, não só para o campo da educação e da pedagogia, mas também para a comunicação e o jornalismo. Fazemos aqui uma referência a sua, com intuito de relatar que foi a partir do contato com estas idéias que o objeto de estudo do qual tratamos começou a ganhar forma. Importante ressaltar, neste ponto, a aproximação feita entre a obra de Paulo Freire e o jornalismo pelo Professor Eduardo Meditsch, em textos como “A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo” (2002). Neste texto, Meditsch destaca uma idéia de Paulo Freire, especialmente pertinente para este momento: um dos avanços destacados pelo teórico em relação aos meios de comunicação (dos quais era um grande crítico) é a abertura da mídia ao diálogo com o público através de formas de interatividade disponibilizadas pela técnica (FREIRE e GUIMARÃES, 1984 apud MEDITSCH, 2002, p. 12). Obviamente Freire não se referia aos avanços trazidos pela internet. Referia-se apenas ao que se observava no rádio, na década de 80.

Mas porque o diálogo e a participação propiciada pela mídia seria um avanço para os meios de comunicação na visão de Paulo Freire? Em nossa interpretação, certamente porque a sua concepção sobre o conhecimento é extremamente coerente com a comunicação e com o diálogo. É justamente neste ponto que, como dito anteriormente, começa e se delinear o *objeto de estudo* desta pesquisa: o jornalismo como produção social de conhecimento sob a perspectiva da participação de leitores através de comentários nas notícias *online*.

A pesquisa na qual se baseia o presente artigo, busca refletir sobre as aproximações entre jornalismo e conhecimento, a partir da observação e análise das intervenções críticas e informativas dos leitores em jornais *online*, procurando entender de que modo a perspectiva teórica se adapta as mudanças trazidas ao jornalismo pela internet, enfatizando o aumento das possibilidades de participação dos leitores.

A pesquisa ainda parte das seguintes *questões norteadoras*: como é possível atualizar a compreensão do jornalismo como produção social de conhecimento a partir da análise das intervenções dos leitores? Quais conhecimentos são mobilizados e materializados pelos leitores através de seus comentários sobre as notícias? Aproximam-se, em sua maioria, do senso comum ou do senso crítico? Há intervenções que agregam novas informações às notícias? Estas partem de experiências pessoais ou de outras fontes jornalísticas?



Para dar conta de atender aos objetivos propostos, a pesquisa terá como ponto de partida a observação, descrição e análise de um *objeto empírico*, qual seja: os comentários de leitores relacionados às notícias veiculadas pelo portal *estadão.com.br*. O portal, que surgiu em março de 2000, a partir da fusão dos sites Agência Estado, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, é definido como um veículo informativo em tempo real e, de acordo com dados do próprio Estadão superou, em março de 2003, a marca de um milhão de visitantes mensais<sup>5</sup>.

Pode ser tomado, por isso, como um dos principais jornais de referência no país. Além disso, e este é o grande ponto de interesse da pesquisa, oferece muitos espaços para a participação dos leitores através de comentários nas notícias. O portal conta, inclusive, com uma tabela que aponta, constantemente, quais são as notícias mais comentadas pelos leitores.

Para dar conta de atender os objetivos propostos quanto à análise do objeto empírico, optou-se por utilizar um *procedimento metodológico* híbrido, com base em algumas características da *Análise de Conteúdo (AC)*, em especial, a criação de categorias que servirão como base para a observação dos comentários dos leitores.

Importante destacar que a observação do objeto empírico a partir de características da Análise de Conteúdo não se constitui como o fim da pesquisa, como seu objetivo central. A utilização da AC será apenas o ponto de partida para a constatação de um fenômeno que no decorrer do trabalho servirá como base para uma reflexão teórica mais aprofundada, o que é, salientamos, o grande propósito desta pesquisa. Neste sentido, utiliza-se a análise de conteúdo sem estar à mercê dos riscos mais comuns neste tipo de pesquisa, ou seja, sem restringir o trabalho à constatação de dados quantitativos, o que o levaria a uma evidente incoerência: “A análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo [...], antes se tomando consciência de que sua função ou seu objetivo é a inferência, seja ela baseada ou não em indicadores quantitativos” (BARDIN, 1988, 21-22)

Além da Análise de Conteúdo, a pesquisa pretende trabalhar com os *Estudos de Recepção*, não do ponto de vista dos procedimentos metodológicos a serem adotados para a análise do objeto empírico, e sim para contar com um embasamento teórico nesta área, já que o objeto empírico está totalmente vinculado com os receptores, ou seja, os leitores que participam da notícia através de seus comentários.

---

<sup>5</sup> Conforme dados disponíveis em [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)



Para análise dos comentários serão utilizadas duas grandes categorias que se desdobram em outras quatro. Definidas apenas provisoriamente, as categorias são as seguintes: **(1) intervenções opinativas:** **a)** senso comum: tem como objetivo averiguar se as intervenções dos leitores apenas reafirmam ou não convicções já estereotipadas na sociedade; **b)** senso crítico: tem como objetivo observar intervenções que questionam os fatos, desde a sua legitimidade ou as causas que levaram a ele; **(2) intervenções informativas:** **a)** experiências pessoais: visa observar as intervenções que trazem novas informações com base em experiências pessoais dos leitores; **b)** fontes externas: com o objetivo de investigar aquelas intervenções que trazem contribuições provenientes de outras fontes jornalísticas, o que se relaciona com o conceito de mediação e a noção de *bios midiático* de Muniz Sodré (2000).

Tendo em vista o fato de que a pesquisa em questão está em processo de elaboração, optou-se por produzir este artigo levando em conta duas questões: (a) os conceitos principais a serem utilizados como base teórica; (b) as hipóteses – afinal, como os leitores tem utilizado os espaços destinados a comentários? Qual a contribuição destes espaços para a constituição de uma nova forma de fazer jornalismo?

### **Jornalismo *online*: novos processos, novos produtos, novos leitores**

A estrutura da internet e, portanto, do jornalismo *online*, tem se mostrado diferente dos meios de comunicação tradicionais. Pierre Lévy (2000) caracteriza o aparelho de televisão como um receptor passivo, a extremidade de uma rede, uma periferia. Ao contrário, um computador é um instrumento de troca, de produção e estocagem de informação, tornando-se assim o centro:

A imprensa, a edição, o rádio e a televisão funcionam segundo um esquema em estrela, ou ‘um para todos’. Um centro emissor envia mensagens na direção dos receptores passivos e, sobretudo isolados uns dos outros (...). O correio e o telefone desenham um esquema em rede, ponto a ponto, ‘um para um’. O ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores. De fato, permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se da comunicação conforme um dispositivo ‘todos para todos’ (LÉVY, 2000, p. 206).

Mesmo levando em conta o fato de que a internet e o jornalismo *online* sofreram significativas alterações nos últimos 10 anos, a imagem que Lévy oferece sobre a rede



parece ser interessante para que se possa visualizar a grande diferença entre os meios de comunicação tradicionais e a internet.

Muitos autores tem se preocupado, por isso, em observar as transformações que vem ocorrendo no jornalismo a partir do momento em que a atividade passa a atuar na internet de forma mais efetiva, não apenas reproduzindo os conteúdos já veiculados no jornal impresso, por exemplo, mas usufruindo de novas técnicas e recursos que o tornam diferente.

Segundo Xosé Lopes (2003), há o aparecimento de uma nova retórica: a do hipertexto ciberjornalístico. Ao utilizar a expressão “retórica do hipertexto”, o autor pretende abordar como o discurso jornalístico vem se transformando no ciberespaço a partir da criação de novas ferramentas de comunicação, em especial, com a hipertextualidade. Esta, definida principalmente por sua contraposição ao texto linear e “fechado”, fornece novas possibilidades tanto para o jornalismo, como para os leitores – o que vem, inclusive, transformando a relação entre estes.

Através do hipertexto o jornalismo tem, portanto, a possibilidade de criar discursos diferentes, podendo inclusive relacionar o texto verbal com imagens, gráficos, sons e com diferentes outros dados armazenados neste banco infinito que é a web. Segundo Lopes (2003), o sistema hipertextual da internet é aberto, com múltiplas bifurcações, em que o usuário pode desempenhar um papel ativo, escolhendo os caminhos “de leitura” que deseja seguir. A narrativa hipertextual permite ao usuário entrar por entre os meandros de um mosaico (metáfora para a narrativa hipertextual), onde pode encontrar pontos de vista diferentes e interagir com o objetivo de agregar mais conhecimentos. A informação multimídia aparece como o grande novo paradigma da retórica hipertextual no ciberespaço.

Lopes acentua que mesmo havendo muitas debilidades e fortalezas neste novo espaço ainda um tanto desconhecido, o hipertexto emerge com força própria na retórica jornalística e se caracteriza “por facilitar a profundidade, a contextualização, a relação entre informações e a recuperação da informação” (LOPES, 2003, p. 418). Essa nova construção narrativa Lopes chama de Poliédrica, na medida em que soma visões, perspectivas, enfoques e elementos informativos de diferentes tipos. É possível acrescentar, entre estas vantagens, a possibilidade de participação do leitor, o que parece ser uma alternativa a narrativa unidirecional, o que permite uma influencia recíproca entre emissores e receptores.



Os leitores convertem-se, desse modo, em leitores-escritores, não apenas buscando informações, mas também as oferecendo. Assim como não mais apenas recebem, mas também a difundem. Segundo Lopes, a participação dos usuários tem gerado conseqüências na organização do conteúdo e em sua própria construção. Os jornalistas, neste sentido, podem conhecer as opiniões dos seus leitores, o que gera ainda maior eficácia comunicativa.

Kucinski, recuperando idéia de Britto, afirma que a internet “define um novo tipo de espaço de diálogo e interação absolutamente original, com as características ontológicas de um novo espaço público (BRITTO apud KUCINSKI, 2005, p. 76). “Na rede da internet dá-se o diálogo entre os que nunca se conheceriam. A nova mídia é também o espaço de um novo tipo de socialização com alcance gigantesco” (KUCINSKI, 2005, p. 75).

Laura Storch descreve da seguinte forma os ambientes de participação em jornais *online*:

Similares aos dispositivos dos *weblogs*, as caixas de comentários se tornam ambientes de conversação e colaboração, e modificam a estrutura discursiva das notícias (entendidas como textos, enunciados) a partir do momento em que são interpretadas como espaços de manifestação de um processo de leitura ativa [...]. Neste caso, o leitor não apenas seleciona alternativas de leitura através de uma construção hipertextual simples, os links, mas também tem a possibilidade de se inscrever materialmente na elaboração do discurso, agindo como um colaborador, um interagente (STORCH, 2008, p. 116).

Ao descrever a sua experiência como jornalista na internet, Luiz Carlos Azenha, autor do Blog “Vi o Mundo”<sup>6</sup>, afirma existir uma grande diferença entre o jornalismo tradicional e o online: quando escrevia para um jornal impresso ou produzia um texto para a televisão e aquilo era publicado ou ia ao ar, o jornalista não sabia o que acontecia depois disso. Ao contrário, quando publica um texto na internet, pela manhã, por exemplo, no final do dia vários comentaristas já deram a sua contribuição e sua opinião sobre ele, conforme relata Azenha. Muito embora alguns destes comentaristas utilizem o espaço de forma descomprometida, querendo apenas xingar os outros ou “falar besteiras”, como se referiu Azenha, muitos outros agregam informações. E essas pessoas falam de diferentes lugares, ou melhor, de todos os lugares do país – do Sergipe, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Pernambuco.

“Através do uso da tecnologia, o texto que você colocou de manhã na internet, chega a noite completamente transformado. Chega transformado com qualidade. Eu

---

<sup>6</sup> <http://www.viomundo.com.br/>



escrevi recentemente sobre a Gripe Suína, fazendo uma brincadeira e dizendo que a gripe suína foi mais uma invenção de laboratório. E aí veio um médico de Pernambuco e escreveu um comentário dizendo ‘olha, não é tanto assim’. Ele é uma pessoa que tem muito mais capacidade do que eu de fazer um comentário desse tipo. Eu peguei o comentário dele e transformei num texto e ele passou a ocupar o espaço que antes eu como controlador do blog, ocupava. Passei esse lugar a ele por conhecimento. Então vocês vêem como o jornalismo se altera completamente, como a internet e as novas tecnologias da informação alteram completamente a lógica do jornalismo” (AZENHA, 2009, n.p).

A descrição de Azenha sobre a colaboração de seus leitores na veiculação das informações e no conteúdo das notícias demonstra como a internet pode contribuir para a produção social de conhecimento através do jornalismo. E por que contribui? Porque a notícia apresenta-se não como uma verdade inquestionável, mas como uma versão dos fatos que pode ser colocada em cheque pelos leitores comentaristas a qualquer momento. A nova lógica do jornalismo, portanto, está muito mais próxima do conhecimento, tomado enquanto uma construção, algo que se transforma a partir das experiências com o mundo e a partir de contradições e sínteses, revelando a realidade em suas diferentes dimensões. As informações não são mais unilaterais. “Há uma diferença de qualidade entre a informação, que vem de forma autoritária, como se fosse a verdade escrita em pedra, e a internet, que tem mais humor, um jeito de falar diferente”, afirma Azenha.

Compreender o jornalismo como conhecimento, neste novo cenário, precisa levar em conta as possibilidades de interação oferecidas aos leitores através da linguagem hipertextual – o que favoreceria, inclusive, um processo de atualização teórica com relação às obras até então existentes sobre a aproximação entre jornalismo e conhecimento. Nos espaços destinados a comentários, favorece-se o diálogo (embora mediado pelo computador) e o embate de opiniões, o que poderia fazer florescer o processo de produção de conhecimento. Mesmo que o texto jornalístico em si continua dando privilégios a negação das contradições, estas apareceriam, supõem-se, naturalmente a partir da manifestação dos leitores.

### **Jornalismo e conhecimento: aproximações**

Quanto as abordagens teóricas que compreendem o jornalismo como produção social de conhecimento, é imprescindível destacar as contribuições de Adelmo Genro





Filho (1987) e Eduardo Meditsch (1992). Adelmo Genro Filho escreveu em seu livro “O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”, como compreendia a realidade e, neste contexto, o lugar que ocupa o jornalismo. Genro deixa claro, já no primeiro capítulo, qual a posição teórica que assume em relação à realidade e ao conhecimento.

O objeto ‘teórico’, tal como o ‘objeto real’, não é dado de uma vez para sempre, alguma coisa fixa e inerte, mas um processo de construção paralelo à produção da própria realidade humana (...); não existe um fosso intransponível entre um e outro, mas uma transformação constante e progressiva do ‘objeto real’ em ‘objeto teórico’ e vice-versa. É se apropriando do mundo que o homem vai realizando essa transformação e, através dela, revelando a verdade do objeto real por meio da teoria (GENRO FILHO, 1989, p. 23).

Neste contexto, Genro defende que o jornalismo é uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular. Neste ponto, deixa claro que a noção de conhecimento que utiliza em nada se aproxima do positivismo. O conhecimento do qual trata é aquele caracterizado como “um momento da práxis” (GENRO FILHO, 1989, p. 27).

Em seu livro, o autor dedica um capítulo apenas para discutir filosoficamente a singularidade, uma das preocupações mais evidentes do fazer jornalístico. A singularidade e a especificidade são entendidas apenas enquanto uma regra operativa dos jornalistas, sem nenhum embasamento filosófico. Desse modo, a realidade é compreendida como um agregado de eventos singulares, destituídos de nexos históricos ou dialéticos, o que facilmente favorece a dominação da ideologia burguesa através da fragmentação que ela proporciona.

Referindo-se a estética de Lukács, Genro Filho aponta que enquanto a ciência tende para a objetividade, para a revelação em si dos objetos, a arte funde sujeito e objeto numa cristalização particular, mas, cujo conteúdo, sempre se refere a uma existência histórica e ontológica dos homens e da sociedade. Para Lukács, portanto, a realidade objetiva pode ser revelada de diferentes modos: pelo reflexo científico, que parte do particular em direção ao universal e transita constantemente entre as duas categorias, ou pelo reflexo estético que tem como categoria central a particularidade.

O jornalismo, por sua vez, inaugura uma forma de conhecimento que vai de encontro ao movimento realizado pela ciência, ou seja, constrói-se na direção do singular. Este ponto de cristalização do jornalismo recolhe, ao mesmo tempo, os





movimentos da particularidade e universalidade. Quando inseridas nas concepções materialistas da *práxis*, são estas categorias – do singular, do particular e do universal que, segundo Genro Filho, fornecem as bases fundamentais para a construção de uma teoria do jornalismo. Só esta teoria, o autor acrescenta, é capaz de dar conta dos diversos aspectos implicados em um fenômeno.

Cada uma destas categorias expressa uma dimensão diferente da realidade, e ao mesmo tempo é capaz de conter em si as demais. O singular é a unidade mínima, a experiência direta, real. Esta categoria está inserida no particular – ponto intermediário, um grupo de fatos singulares que de algum modo se relacionam. O particular, por sua vez, está inserido no universal, a categoria mais abrangente. Desse modo, se o singular é a matéria prima do jornalismo ele não nega as categorias particulares e universais porque as contém. Tais categorias são expressas com maior ou menor grau de evidência, mas estarão sempre presentes, delineados pela subjetividade do jornalista. Estarão superados pela cristalização do evento na dimensão singular, mas permanecerão como horizontes de conteúdo.

Meditich, com base em Adelmo Genro, procura detalhar mais alguns aspectos da aproximação entre jornalismo e conhecimento. O autor observa que um dos elementos que distingue o jornalismo da ciência é sua força de revelação dos fatos. Para dar embasamento a esta idéia, ele utiliza uma citação de Paulo Freire e Ira Shor:

Nossa experiência na universidade tende a nos formar à distância da realidade. Os conceitos que estudamos na universidade podem trabalhar no sentido de nos separar da realidade concreta à qual, supostamente, nos referimos. Os próprios conceitos que usamos em nossa formação intelectual e em nosso trabalho estão fora da realidade, muito distantes da sociedade concreta (...) Assim nossa linguagem corre o risco de perder o contato com o concreto (FREIRE & SHOR, apud MEDITSCH, 2002, p. 07).

Somente a primeira frase desta citação seria suficiente para compreender o que os autores defendiam, ou seja, que a distância entre a teoria e a prática, tanto afasta os “acadêmicos” do mundo real, da realidade concreta, quanto à realidade das idéias. O jornalismo poderia, neste contexto, reaproximar ambos.

É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos, quando retornam a vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação. Em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos



rigoroso do que o de qualquer ciência formal, mas, em compensação, será também menos artificial e esotérico (MEDITSCH, 2002, p. 09).

É possível entender, desse modo, que mesmo não possuindo meios de operar tal qual o método científico, o jornalismo exerce um papel fundamental no que diz respeito à produção e re-produção de conhecimento. De um lado, porque aproxima as idéias da realidade concreta e de outro, porque mantêm a comunicabilidade entre “o físico, o advogado, o operário e o filósofo. Enquanto a ciência evolui reescrevendo o conhecimento do senso comum em linguagens formais e esotéricas, o jornalismo trabalha em sentido oposto” (MEDITSCH, 2002, p. 09).

O jornalismo serviria, assim, tanto para conhecer como para reconhecer, já que a notícia, além de apresentar a novidade, envolve – em sua compreensão – “o processamento de grandes quantidades de informação estruturadora, repetida e coerente, que sirva como base para ampliações mínimas e outras mudanças em nossos modelos do mundo” (VAN DIJK, 1980 apud MEDITSCH, 2002, p. 10).

Robert Park, considerado por muitos o precursor do pensamento epistemológico no jornalismo, é justamente o marco inicial desta reflexão que leva em conta a notícia como forma de conhecimento sob o viés da sociologia. Neste sentido, seu primeiro esforço explicativo, é traçar a distinção entre duas formas de conhecimento: o *conhecimento de trato* e o *conhecimento acerca de*.

Conforme Park, o conhecimento de trato é aquele que adquirimos através do uso e do hábito, “é a espécie de conhecimento que inevitavelmente adquirimos no curso de nossos encontros pessoais e de primeira mão com o mundo que nos rodeia” (PARK, 1972, p. 169). Numa espécie de ajustamento ao mundo, conhecemos intuitivamente. Contrastando-se a este tipo temos o conhecimento acerca de, que é formal, racional e sistemático. Baseia-se, por isso, na observação, na verificação, rotulação, sistematização e ordenação de fatos e informações. Nesta perspectiva, Park observa que muito embora sejam distintos, conhecimento de e conhecimento acerca de não são tão dessemelhantes que não possam formar um contínuo. Contínuo esse dentro do qual haveria lugar para todas as formas de conhecimento. A notícia teria localização própria neste contínuo. Não sendo conhecimento de trato e nem mesmo um conhecimento sistemático do mundo e da realidade, a notícia estaria entre os dois pólos.

Park ainda assinala que o relato de uma notícia é como um “lampejo” que anuncia a ocorrência de um acontecimento: “se o ocorrido tiver real importância, o

interesse por ele acarretará novas indagações e um conhecimento mais completo das circunstâncias em que se verificou” (PARK, 1972, p. 175). Park chega a conclusão de que a notícia realiza para o público as mesmas funções que a percepção para o indivíduo, não apenas informando mas orientando sobre o que está acontecendo. Desse modo, a primeira reação do sujeito ao ler a notícia seria o desejo de repeti-la a alguém. “Isso gera a conversão, desperta novos comentários e talvez uma discussão” (PARK, 1972, p. 176). Na medida em que é iniciado o debate, o acontecimento discutido deixa de ser notícia e, segundo Park, se transforma em uma opinião pública a partir dos consensos que o debate gera. A interpretação das notícias é o que daria origem, neste sentido, a opinião pública.

A notícia, então, seria o estímulo, um dos pontos de partida para a construção coletiva de uma narrativa (ou um diálogo?) sobre o presente. O conhecimento proporcionado por ela é, por isso, também um articulador (mediador) entre o *conhecimento de* e o *conhecimento acerca de*. Neste ponto, arriscaria aproximar o conceito de práxis (pensamento+ação), enquanto caracterização da existência humana como elaboração da realidade.

Por fim, é imprescindível ressaltar a contribuição do jornalismo que anuncia a ocorrência de um fato, conforme Park (1972), até mesmo para a ciência. Mesmo tendo discordado em alguns aspectos de Park, Adelmo Genro Filho propõe uma reflexão de que se aproxima e aprofunda a noção de “lampejo” como prática jornalística. Tal reflexão leva em conta o caráter “revolucionário” da singularidade. E a sua capacidade de reconhecer o novo, o acontecimento. O que está conhecido e conceituado pela ciência não é o desconhecido. Este, pode se mostrar através da singularidade e passar a ser, então, objeto das ciências.

De um lado, em virtude da propriedade privada dos meios de comunicação e da hegemonia ideológica da burguesia, o jornalismo reforça a cosmovisão dominante. De outro, a apreensão e reprodução do fato jornalístico podem estar alicerçadas *na perspectiva* de uma cosmovisão oposta e de uma ideologia revolucionária.

Além disso, como o novo aparece sempre como singularidade, e esta sempre como o aspecto novo do fenômeno, a tensão para captar o singular abre sempre uma perspectiva *crítica* em relação ao processo. A singularidade tende a ser crítica porque ela é a realidade transbordando do conceito, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesma.

No processo constante de transformação da realidade, o novo aparece sempre sob a forma do singular, como fenômeno isolado, como exceção. Por isso, o singular é a forma originária do novo. Ele é a diferenciação da mesmice,



aquilo que escapa da mera reprodução e da simples identidade em relação ao universal já constituído. Assim, a abordagem jornalística tende a apanhar a realidade pelo movimento e este como produção do novo. (GENRO FILHO, 1987, p. 212).

Para contrariar a ideia de que “contra os fatos não há argumentos”, Moretzsohn acredita que os argumentos devem ser valorizados como investidas contra a naturalização dos fatos, o que seria imprescindível para que o jornalismo caminhasse do senso comum ao senso crítico. Segundo ela, “o jornalismo existe para realizar esse difícil trabalho de demonstrar, no cotidiano tão acostumado à percepção do imediatamente visível, que os fatos não são o que parecem” (MORETZSOHN, 2007, p. 26). Contrariando o pensamento de Park, para quem o jornalismo funcionaria como a percepção para os indivíduos, Moretzsohn se baseia principalmente na obra de Lukács e sua ideia de suspensão, com vistas a promover o reconhecimento do jornalismo como um mediador capaz de frutificar momentos de atitude crítica em relação aos eventos “tais quais são”.

Conforme destaca Moretzsohn, para Lukács, o homem é um ser da práxis, que se reproduz na cotidianidade, dando respostas e inserido em uma sociedade marcada pela grande síntese entre causalidade e teleologia, entre necessidade e liberdade. Neste sentido, segundo Moretzsohn a vida cotidiana é marcada pela imediatividade, “que se traduz na relação direta entre pensamento e ação” (MORETZSOHN, 2007, p. 53) – a práxis. Essa dimensão da vida é a condição, segundo Lukács, para que possa funcionar. Se tudo fosse, a todo o tempo, atividade crítica e de suspensão, as atitudes mais simples do dia-a-dia estariam imersas em uma compreensão ontológica de cada objeto (o que é atividade da ciência e da filosofia). Para dirigir, por exemplo, não é preciso conhecer em profundidade o funcionamento do carro, sendo necessário apenas um conhecimento prático que vai se naturalizando até se tornar mecânico.

A vida inteiramente prática, naturalizada conduz os indivíduos a aceitação do mundo como algo evidente, sem outras possibilidades. É o reino das aparências. Para que se possa sugerir uma mudança é necessário, conforme Lukács e na compreensão de Moretzshohn, que haja uma atividade de suspensão, “que conduz a uma atividade reflexiva capaz de gerar a crítica da vida cotidiana, ao retornar a ela” (MORETZSOHN, 2007, p. 55).

Moretzsohn também aborda, em sua obra, o pensamento de Gramsci, para quem o senso comum é a “filosofia dos não filósofos”, ou seja, “a concepção do mundo



absorvida acriticamente nos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio” (GRAMSCI, 2001 apud MORETZSOHN, 2007, p. 60). No entanto, ao contrário do que o próprio senso comum diria de si mesmo, não se trata, conforme Gramsci, de um “saber” cotidiano fixo e imutável. Ao contrário, é um produto histórico passível de superação, “através da crítica realizada pela filosofia da práxis” (GRAMSCI, 2001 apud MORETZSOHN, 2007, p. 60).

Por filosofia da práxis, entendemos a concepção marxista de que o saber provém das atividades práticas, do cotidiano, ganhando um grau de abstração e teorização, mas que se volta novamente ao cotidiano para transformá-lo. Neste ponto, aproxima-se o conceito de Boaventura de Souza Santos, que se refere à segunda ruptura epistemológica, propondo o reencontro da ciência com o senso comum. Em sua definição, Souza Santos procura salientar a positividade do senso comum:

O senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão do mundo assente na ação e no princípio da criatividade e das responsabilidades individuais. O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma de confiança e dá segurança. O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objetos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento em nome do princípio da igualdade do acesso ao discurso, à competência cognitiva à competência lingüística. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e ametódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida. “Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade” (SANTOS, 1987 apud SANTOS, 1989, p. 40).

Tendo como base tais conceitos de senso comum, é preciso compreender de onde provêm os comentários dos leitores. São apenas a manifestação de saberes intuitivos, mobilizados no cotidiano, ou contém algo de crítico. E contendo, esta capacidade de suspensão, como vimos em Lukács, provém de que lugar? Do que é fornecido por outros meios de comunicação? Por uma capacidade de promover a crítica oriunda da própria notícia em questão?

### **Hipóteses preliminares e questionamentos possíveis**

Em estudo realizado por Laura Storch (2008), ficou demonstrado de modo quantitativo, de que forma os leitores interpretam e utilizam os espaços de comentários

oferecidos por três jornais *online*: o *oglobo.globo.com*, *zerohora.com* e *estadão.com.br*. A pesquisadora analisou os três casos e com base nas seguintes categorias pode recolher e sistematizar os dados: (a) intervenções jornalísticas: experiência, correção/erros, fontes e editoriais; (b) intervenções conversacionais: opinativas, colaboradores, intervenções, sistema (cfe. STORCH, 2008, p. 118).

Depois de analisar 1831 comentários, a conclusão obtida foi de que a grande maioria dos leitores (1384 comentários deste tipo foram encontrados) faz intervenções do tipo conversacionais opinativas, ou seja, manifestando suas opiniões pessoais e discutindo com outros leitores sobre o tema da notícia. Nos gráficos abaixo é possível visualizar todos os resultados:

Storch (2008) conclui, desse modo, que

Os leitores ativos [...] entendem, em sua maioria, os espaços de participação disponibilizados pelos jornais como ambientes de conversação para os próprios leitores, muito mais do que um espaço de colaboração efetiva para a prática jornalística. Os poucos exemplos de Intervenções Jornalísticas parecem revelar a potencialidade do instrumento, não gerando, entretanto, a interpretação de que esse é um espaço de colaboração entre profissionais e leigos, na visão dos leitores. (STORCH, 2008, p. 138).

Ficou claro que a maioria das intervenções são de caráter opinativo. É possível entender, ao mesmo tempo, que a forma ideal de participação indicada pela autora é a de tipo jornalístico, verificada em poucos comentários. Conforme a autora da pesquisa, a subcategoria “experiência” – “intervenções dos leitores que, a partir de seus conhecimentos ou experiências, acrescentam ao conteúdo ou ao debate da pauta novas informações, de caráter não opinativo” (STORCH, 2008, p. 118) obteve apenas 16 exemplos. Para Storch, no entanto, “Esta subcategoria revela um dos movimentos colaborativos mais importantes associados à prática do “jornalismo cidadão”: a capacidade de reunir informações testemunhais sobre acontecimentos em locais geograficamente distantes e em momentos diferentes” (STORCH, 2008, p. 118).

A partir desta constatação é possível aprofundar a reflexão sobre o jornalismo como produção social de conhecimento na internet. Para isso, no entanto, é preciso partir para uma análise qualitativa e observar com mais especificidade o que os leitores tem a dizer e de que modo contribuem com a notícia e com o próprio jornalista. É necessário averiguar, ainda que isso seja uma tarefa complexa, se há uma espécie de “construção coletiva de conhecimento a partir das notícias”.



De modo que o artigo em questão refere-se a uma pesquisa que se encontra em sua fase inicial, optou-se por concluir com alguns questionamentos, julgados pertinentes para que se possa dar início a uma reflexão teórica mais profunda sobre as aproximações entre jornalismo e conhecimento, levando em conta o novo cenário da prática jornalística – o ciberespaço – com ênfase nas oportunidades de participação oferecidas aos leitores.

Se de fato, os leitores (em sua grande maioria) contribuem mais com opiniões pessoais, o que isso significa e de que forma tal constatação contribui para que se possa refletir sobre o jornalismo como produção social de conhecimento? Se lêem a notícia e contribuem, estes leitores estão interagindo de fato com a notícia e pensando sobre a realidade que os cerca? Neste ponto reside a importância de sabermos se essa reflexão é crítica ou apenas reproduz pré-conceitos e opiniões estereotipadas, até mesmo pelo próprio jornalismo? Realizam a tarefa de “suspensão” indicada por Lukács?

Os leitores relacionam as informações da notícia com conhecimentos particulares ou universais, seguindo as categorias utilizadas por Adelmo Genro Filho? Neste sentido, mesmo não produzindo conhecimento tal qual a ciência, o jornalismo reafirma seu papel ao possibilitar o debate sobre a sociedade e auxiliar a mesma na construção de novos projetos?

Através destas ferramentas de participação no jornalismo *online* os leitores têm, de fato, a possibilidade de questionar as informações, interpretações e a própria prática jornalística?

E, finalmente, se cabe ao jornalismo somente mostrar os fatos, sem expressar críticas e opiniões pessoais, o papel da participação dos leitores é fundamental para “desnaturalizar” estes mesmos fatos e exercer o senso crítico. Mas isso é realmente o que acontece?

Por estes motivos é que esta pesquisa se direciona para uma abordagem qualitativa. Com base na análise dos comentários, propõe uma reflexão teórica sobre as questões levantadas. Para concluir, é importante ressaltar a compreensão do jornalismo como a

forma pela qual, cotidiana e *potencialmente* – ressalvamos -, é possível o acesso imediato ao todo – plural e diverso – que está sendo produzido no espaço social da humanidade e no tempo presente, ao qual se agarra o passado e sobre o qual se projeta o futuro humano, cuja maior ousadia é precisamente construir aquilo que *ainda não é* e sobre o qual não há nada que possa garantir que um dia *seja*. (KARAM, 1997, p. 16, grifo do autor)





A internet é, ainda, um espaço aberto e por fazer. As potencialidades que este novo meio desperta podem, desse modo, fornecer as bases para a estruturação de um novo projeto de jornalismo. No entanto, muito embora as novas tecnologias de comunicação proporcionem ferramentas para fazer “diferente”, apenas uma mudança nos modelos e nos projetos de comunicação poderão transformar e humanizar a atividade jornalística em prol do conhecimento, da cidadania, do diálogo e, conseqüentemente, da compreensão e da tolerância.

### **Referências Bibliográficas**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5.ed. São Paulo: Edições 70, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. 93p.

GARCIA, Xosé Lopes. Retórica del hipertexto periodístico. In: DIAZ NOCI, Javier e SALAVERRÍA ALIAGA, Ramón (coords.). **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 385-422.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 212p.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: EdUFSC, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?**. 1997. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Acessado em 3 de junho de 2009, às 10h22min. 13p.

\_\_\_\_\_. **A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo**. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>. Acessado em 10 de setembro de 2009, às 22h07. 17p.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles (org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.



SOUZA SANTOS, Boaventura. **Introdução a um ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SODRÉ, Muniz. Bios Midiático: um novo sistema conceitual no campo da comunicação. In: MELO, José Marques de, GOBBI, Maria Cristina e SANTOS, Marli dos (Orgs.). **Contribuições brasileiras ao pensamento comunicacional Latino Americano**: Décio Pignatari, Muniz Sodré e Sérgio Capparelli. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: UESP, 2000, p. 71-77.

STORCH, Laura S. **Atividades de leitura no jornalismo online**: a reformulação do discurso jornalístico a partir da participação de leitores escritores. 2009. 150 f. v. 1. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

### **Multimídia**

AZENHA, Luiz Carlos. **A internet como instrumento de Mídia Livre**. Seminário de Comunicação da Contee, 2009. 1 CD – ROM.